AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Banco Central divulga Ata da última reunião do Copom, em semana com dados de inflação e atividade.

O Banco Central divulga na terça-feira (10) a Ata da última reunião do Copom, que manteve a taxa Selic em 13,75% a.a. O comunicado mostrou um cenário desafiador para a política monetária: de um lado, a atividade apresenta moderação mais acentuada; de outro, a inflação acelerou e a projeção para o horizonte relevante (2T28) subiu de forma expressiva, passando de 3,1% para 3,5%, com a incorporação de choques de oferta, segundo o BC. Esse dilema coloca a Ata no centro das atenções, com a expectativa de que detalhe os choques incorporados e seu impacto na projeção, além da possibilidade de trazer cenários alternativos, como o de Selic mantida por período prolongado, e de quando a inflação convergiria para a meta nesse caso. Esses elementos ajudarão os agentes a avaliar por quanto tempo o Comitê pretende manter os juros, em que condições poderia voltar a reduzi-los e qual é o risco de uma retomada do ciclo de aperto monetário no curto prazo.

Na agenda de indicadores, o IBGE divulga o IPCA de outubro na quinta (12). O consenso do mercado projeta alta de 0,24% no mês, bem abaixo do dado de setembro (0,82%). O número deve ser beneficiado pela queda da tarifa de energia elétrica, com a adoção da bandeira verde (que não possui custo adicional, ante bandeira amarela em setembro), e pela queda das passagens aéreas. Por outro lado, os alimentos no domicílio devem seguir em alta, em função dos efeitos climáticos associados ao *El Niño*, e a tendência é que continuem como vetor de alta nos próximos meses. Com isso, em 12 meses, o índice deve voltar a acelerar, para 4,73% (ante 4,58%), distanciando-se do teto da meta (4,50%) e reforçando o cenário inflacionário desafiador.

No campo da atividade, serão conhecidos os dados de serviços e do varejo de setembro, que devem confirmar o fraco desempenho da economia no 3T26. O IBGE divulga os serviços na quarta (11), com expectativa de queda de 0,3% no mês, mantendo o setor praticamente estável desde maio. Com isso, o indicador deve apontar estabilidade no trimestre, desacelerando após alta de 0,4% no 2T26. O varejo sai na sexta (13), com expectativa de recuo de 0,4% no mês (conceito ampliado), após queda em quatro dos últimos cinco meses. O resultado deve levar a uma retração próxima de 0,5% do setor no trimestre, a segunda seguida, após queda de 1,0% no 2T26. Dessa forma, os indicadores devem reforçar os sinais de desaquecimento da atividade, com provável retração do PIB no 3T26.

No setor corporativo, a semana praticamente encerra a temporada de balanços do 3T26 dos principais bancos de capital aberto. O Banco do Brasil divulga seu resultado na quarta (11), com estimativa de lucro líquido de R$ 3,1 bi, com números ainda pressionados, o que representa queda de 20,8% no trimestre e de 18,2% ante o 3T25. Na quinta (12), é a vez do BTG, com expectativa de lucro líquido de R$ 5,2 bi, alta de 1,5% no trimestre e de 15,0% ante o 3T25, mantendo a trajetória de crescimento. Também na quinta (12), serão conhecidos os resultados de Caixa, Nubank, Banrisul e Inter. Os agentes seguirão atentos à qualidade das carteiras, em um cenário de juros altos e de elevado endividamento das famílias e empresas. O quadro abaixo traz as estimativas de cada instituição, quando houver consenso.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 3T26

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 3T26 Em R$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Pine	11/nov	179,2	8,2%	72,9%
Banco do Brasil	11/nov	3.094,2	-20,8%	-18,2%
BTG Pactual	12/nov	5.218,1	1,5%	15,0%
Caixa	12/nov	427,3	-4,4%	20,0%
Inter	12/nov	5.661,3	5,7%	32,7%
Nubank	12/nov	237,8	-26,9%	-27,7%
Banrisul	12/nov	1.422,3	2,8%	6,9%
XP	16/nov	5.218,1	1,5%	15,0%

Fonte: Áreas de RI dos bancos. Projeções: Bloomberg.

AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Nos EUA, destaque para o CPI de outubro, relevante para avaliar a persistência das pressões inflacionárias e a possibilidade de o Fed voltar a subir os juros em dezembro. O indicador será conhecido na terça (10), com consenso de alta de 0,3% no mês, após 0,6% em setembro, com menor pressão dos combustíveis. Em 12 meses, o índice deve desacelerar, de 3,7% para 3,6%, mas ainda se mantendo em nível elevado ante a meta de 2%. Caso se confirme, as apostas em nova alta dos juros (+0,25 p.p.) na reunião de dezembro devem seguir como quase unânimes no mercado. Na sexta (13), será divulgado ainda o PPI de outubro.

Na China, será divulgada nesta terça (10) a balança comercial de outubro, com expectativa de aceleração das exportações e das importações. O consenso aponta altas, ante o mesmo mês do ano passado, de 36,3% nas exportações e de 33,9% nas importações, ante 36,3% e 31,0% em setembro. Os números ajudarão a avaliar o ritmo das demandas externa e doméstica, em um contexto de elevada dependência das exportações para sustentar a atividade, de tensões comerciais com os EUA e de demanda doméstica fraca. Ontem à noite, foram divulgados o CPI e o PPI: a inflação ao consumidor seguiu baixa, com alta de apenas 0,7% em 12 meses, enquanto os preços ao produtor permaneceram pressionados (+5,7%), refletindo a alta das *commodities*, sobretudo do petróleo.

INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
09/nov	FGV: IGP-DI	Out/26	1,31% m/m 5,17% a/a	1,50% m/m 3,78% a/a
10/nov	BCB: Ata da última reunião do Copom	04/nov	-	-
10/nov	Anfavea: Produção de Veículos	Out/26	-	10,2% a/a
11/nov	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Set/26	-0,3% m/m -0,4% a/a	-0,1% m/m 0,6% a/a
12/nov	IBGE: IPCA	Out/26	0,24% m/m 4,73% a/a	0,82% m/m 4,58% a/a
13/nov	IBGE: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC)	Set/26	-0,4% m/m -0,3% a/a	-0,2% m/m 0,1% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
08/nov	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Out/26	0,7% a/a	0,9% a/a
08/nov	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Out/26	5,7% a/a	5,0% a/a
09/nov	EUA	Estoques no atacado	Set/26	0,6% m/m	0,5% m/m
10/nov	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Out/26	36,3% a/a 33,9% a/a	36,3% a/a 31,0% a/a
10/nov	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Out/26	0,3% m/m 3,6% a/a	0,6% m/m 3,7% a/a
12/nov	EUA	Vendas de casas existentes	Out/26	-3,5% m/m	1,5% m/m
13/nov	Zona do Euro	PIB	3º tri/26 – 2ª leitura	0,4% t/t-1	0,6% t/t-1
13/nov	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Out/26	0,4% m/m 6,6% a/a	1,3% m/m 6,3% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Banco Central mantém a taxa Selic em 13,75% a.a. e interrompe ciclo de queda

O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) manteve a taxa Selic em 13,75% a.a., por unanimidade, na reunião da última quarta-feira (4), em linha com a expectativa majoritária do mercado. O comunicado destacou o "aumento significativo das incertezas em torno do cenário base" e não antecipou os próximos passos.

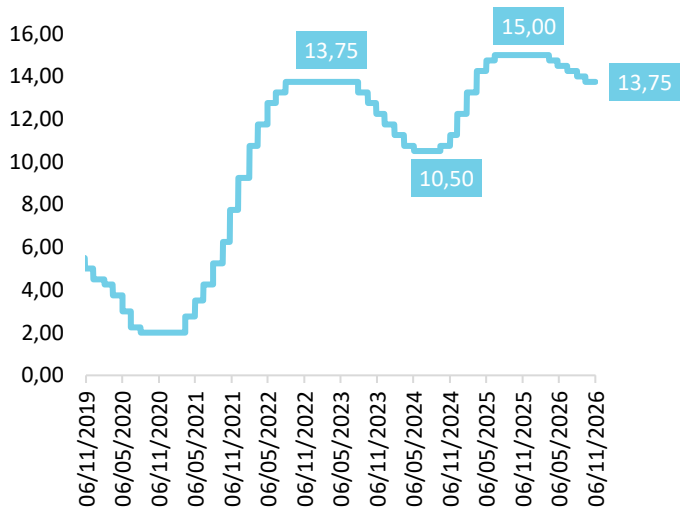
No cenário internacional, o Copom avaliou que o ambiente se tornou mais adverso desde a reunião anterior, quando havia sido classificado apenas como incerto, em função do prolongamento do conflito no Oriente Médio, com impactos altistas sobre o petróleo e seus derivados, e da manutenção de políticas monetárias restritivas nas economias avançadas.

No cenário doméstico, o Comitê apontou moderação mais acentuada da atividade, principalmente nos setores mais cíclicos, e sinais de desaquecimento do mercado de trabalho. Em contrapartida, a inflação cheia e a média das medidas subjacentes aceleraram e voltaram a ficar acima do limite superior do intervalo de tolerância, e as expectativas do Focus se afastaram ainda mais da meta (5,2% para 2026 e 4,8% para 2027).

As projeções de inflação do Banco Central foram revistas para cima: o IPCA de 2026 passou de 5,2% para 5,6%, e o de 2027, de 3,9% para 4,7%. Para o 2º trimestre de 2028, horizonte relevante, a projeção subiu de 3,1% para 3,5%, com a incorporação de choques de oferta materializados desde a reunião anterior. O balanço de riscos seguiu com assimetria altista.

Diante desse quadro, o Copom avaliou que a combinação entre maior incerteza, expectativas de inflação desancoradas e desaceleração mais acentuada da atividade torna o cenário mais desafiador para a condução da política monetária, embora siga avaliando a Selic como substancialmente contracionista. O comunicado também deixou de mencionar o ciclo de calibração, presente nos documentos anteriores, e não sinalizou a reunião de dezembro. Por ora, o Comitê deverá aguardar novas informações sobre a evolução das expectativas, das condições financeiras e da política econômica antes de definir sua estratégia. De toda forma, o cenário mais provável é de manutenção da Selic em dezembro, como aponta o contrato de opções de Selic da B3, que atribui 78% a essa hipótese.

Quadro 1: Taxa Selic
% a.a.



Fonte: BCB.

Quadro 2: IPCA – Projeção BCB
Var.% ao ano

Indicador	Reunião	2026	2027	2028
IPCA	16/set	5,2	3,9	3,2*
	04/nov	**5,6**	**4,7**	**3,5****
IPCA Livre	16/set	5,2	4,1	3,2*
	04/nov	**5,5**	**4,8**	**3,4****
IPCA Administrado	16/set	5,3	3,5	3,2*
	04/nov	**6,0**	**4,2**	**3,9****

Legenda: Revisão para cima

Fonte: BCB. Nota: *1T28; **2T28.

A produção industrial recuou 0,8% em setembro e encerrou o 3T26 com queda de 2,2%. O resultado ficou abaixo da expectativa do mercado (-0,3%). Apenas oito das 26 atividades pesquisadas apresentaram crescimento em setembro, indicando que a retração mensal foi relativamente disseminada. Na comparação com set/25, o setor recuou 2,5%, e a indústria acumula alta de apenas 0,2% em 12 meses, menor variação desde dez/23.

No 3T26, a produção industrial caiu 2,2% ante o 2T26 e 1,4% ante o 3T25. A retração por grandes categorias foi disseminada: bens de capital (-0,7%), bens intermediários (-1,8%) e bens de consumo semiduráveis e não duráveis (-4,2%). A única exceção foi a de bens de consumo duráveis, que avançou 1,7%.

Por segmentos, tanto a indústria extrativa (-1,9%) quanto a de transformação (-2,2%) contribuíram negativamente no trimestre. De toda forma, a extrativa ainda acumula alta de 5,9% no ano, enquanto a transformação recua 0,6%.

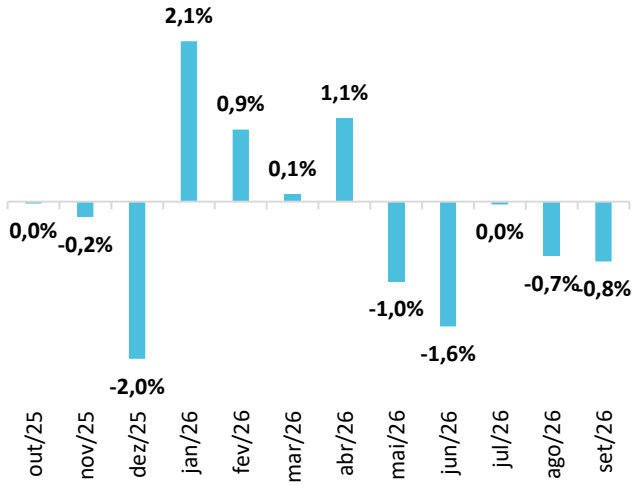
As principais quedas trimestrais vieram da fabricação de derivados de petróleo (-6,9%), vestuário (-4,4%), têxteis (-4,0%), químicos (-2,1%), máquinas e equipamentos (-2,0%) e produtos alimentícios (-1,0%). Entre as altas, destacaram-se máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+3,6%), bebidas (+1,2%), celulose (+0,8%) e veículos (+0,6%).

O resultado deixou um *carry-over* de -0,8% para o 4T26 e de -0,1% para o ano. Os dados sugerem baixa contribuição da indústria para a atividade nos próximos meses, em um contexto de menor impulso da extrativa e moderação da produção de veículos. Além disso, as condições financeiras restritivas tendem a limitar uma recuperação do setor, reforçando a perspectiva de desaceleração mais disseminada da atividade econômica.

O mercado formal criou 121,3 mil vagas em setembro, segundo o Caged do MTE, resultado abaixo do esperado (183,5 mil) e do observado em set/25 (214,6 mil). O saldo decorre da diferença entre 2,21 milhões de admissões e 2,09 milhões de desligamentos, e foi o menor para o mês desde o início da nova série, em 2020. Na série com ajuste sazonal, foram criadas cerca de 40 mil vagas, reforçando a leitura de moderação do emprego formal na margem. No ano, o saldo soma 1,24 milhão de vagas, e, em 12 meses, 799,9 mil.

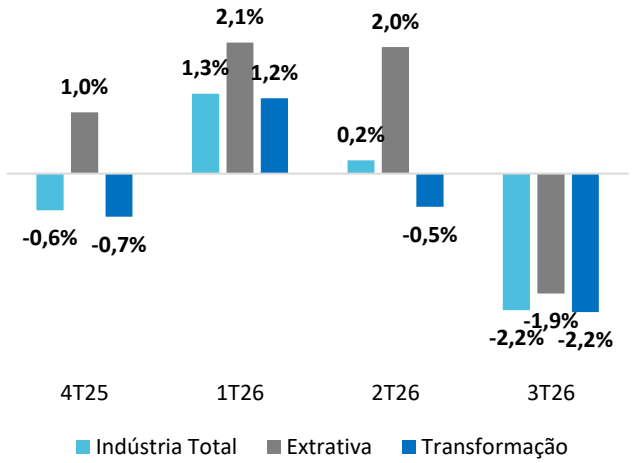
Na série com ajuste sazonal, o desempenho foi heterogêneo entre os setores. O comércio manteve relativa estabilidade, e os serviços criaram 37,5 mil vagas, principal contribuição positiva. A indústria fechou cerca de 7 mil postos, com a eliminação de 12 mil vagas na indústria de transformação, e a agropecuária fechou cerca de 3 mil.

Quadro 3: Produção Industrial
Var (%) mensal dessazonalizada



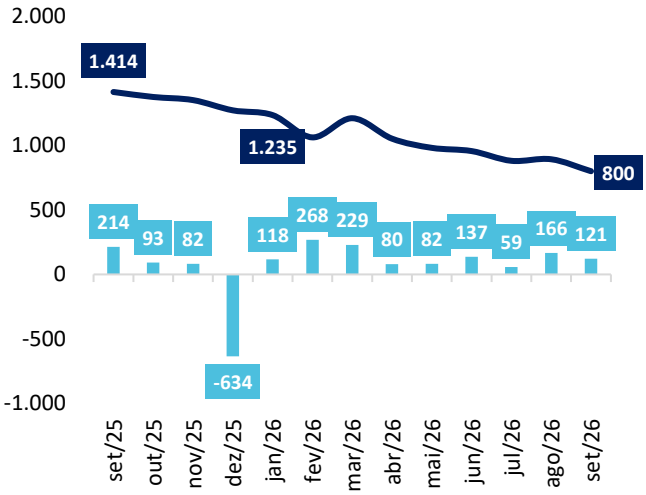
Fonte: IBGE.

Quadro 4: Abertura Setorial do Volume da Indústria
Var. (%) trimestral (dessazonalizado)



Fonte: IBGE.

Quadro 5: Saldo Líquido de Empregos Formais em milhares



Fonte: Caged/MTE.

O salário médio real de admissão ficou em R$ 2.429,41, com queda de 0,05% ante agosto. Ante set/25, houve alta real de 1,9%, indicando que os salários de entrada seguem avançando em termos interanuais, apesar da estabilidade na margem.

Em síntese, o resultado de setembro, abaixo do esperado e o menor para o mês na série, reforça a leitura de acomodação gradual do mercado de trabalho formal. A geração líquida de vagas segue positiva e os salários de admissão continuam crescendo em termos reais ante um ano antes, mas a perda de ritmo das contratações e o desempenho negativo de alguns setores sugerem menor dinamismo na margem.

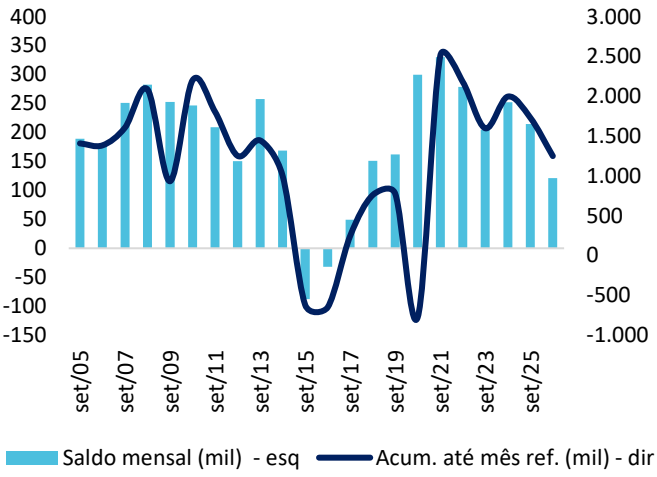
A balança comercial registrou superávit de US$ 9,3 bilhões em outubro, bastante superior ao dado de out/25 (US$ 6,7 bi) e o melhor resultado para o mês desde o início da série (1994). O aumento do saldo refletiu a alta mais intensa das exportações (+20,0% ante out/25) em relação às importações (+14,8%).

As exportações totalizaram US$ 37,8 bi no mês, com altas disseminadas entre os setores e destaque para a indústria extrativa (+53,5%), puxada pelo petróleo bruto (+122,6%), com aumento tanto da quantidade (+62,9%) quanto do preço (+36,7%), e pelos combustíveis (+164,5%). Entre os demais produtos, avançaram farelo de soja (+39,1%) e celulose (+25,8%). Entre os principais destinos, os embarques para os EUA subiram 87,0%, principalmente pelos derivados de petróleo (+464,5%), enquanto as exportações para a China recuaram 5,3%, com menor volume da soja (-12,0%). Também recuaram as exportações totais de carne bovina (-30,0%, com volume -39,0%), em linha com o esgotamento da cota chinesa.

As importações somaram US$ 28,5 bi (+14,8%), puxadas pelos combustíveis (+86,8%), em que, mesmo com volume estável, a alta do preço (+84,2%) elevou o valor importado. Outro destaque segue sendo a importação de veículos (+95,5%), em função dos veículos chineses (+228,4%).

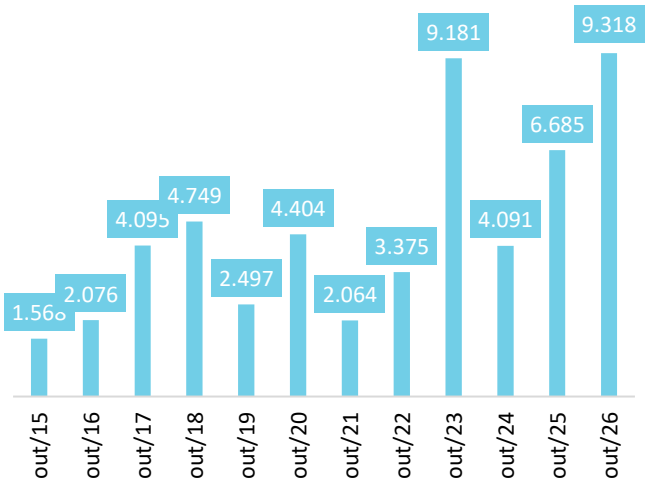
No acumulado do ano, o superávit atingiu US$ 71,0 bi, valor 34,1% superior ao do mesmo período de 2025. As exportações crescem 11,2%, também beneficiadas pelas vendas de petróleo (+38,1%) e soja (+14,5%), enquanto as importações avançam 6,1%, com forte peso de veículos (+78,6%). Em 12 meses, o saldo atingiu US$ 86,1 bi, maior valor desde ago/24 (US$ 90,1 bi), o que indica superávit na casa de US$ 80 bi em 2026, bem acima dos US$ 68,1 bi de 2025.

Quadro 6: Saldo Líquido de Empregos Formais
Meses de Setembro – em milhares



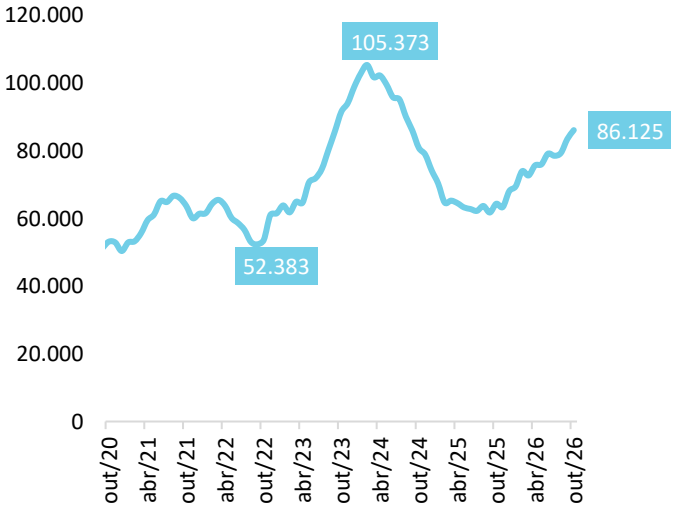
Fonte: Caged/TEM.

Quadro 7: Saldo Comercial
Meses de outubro - Em US$ milhões



Fonte: Secex.

Quadro 8: Saldo Comercial Anual
Acum. 12 meses – em US$ milhões



Fonte: Secex.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Vitória Democrata nas *midterms* leva à queda das bolsas e do petróleo

O Partido Democrata foi o grande vencedor das *midterms*, as eleições de meio de mandato nos EUA, que renovaram toda a Câmara dos Deputados e um terço do Senado, conquistando com ampla margem a maioria na Câmara e no Senado (54 das 100 cadeiras, com duas ainda em disputa), inclusive em estados historicamente republicanos como Texas e Kansas. O resultado refletiu, em boa medida, o descontentamento da população com o custo de vida, pressionado principalmente pela guerra no Irã, o que prejudicou as candidaturas republicanas.

Em reação, os principais índices acionários recuaram (-2,0% em média) na semana, puxados pelas ações de tecnologia, com a perspectiva de maior regulamentação do setor, com maior restrição na construção de Data Centers, dada a agenda democrata. O petróleo caiu cerca de 16,3%, com a expectativa de redução das tensões geopolíticas diante do enfraquecimento do presidente, que passa a enfrentar um Congresso de maioria oposicionista, e o Brent fechou a semana abaixo de US$ 100 o barril pela 1ª vez desde set/26. Como consequência, os juros longos recuaram.

O *payroll* registrou a criação de 165 mil vagas em outubro, bem acima do consenso (+65 mil), com revisão para cima do número de setembro (+31 mil). O resultado foi puxado por serviços empresariais (+70 mil), saúde (+55 mil) e transportes (+22 mil), e a média móvel de três meses atingiu 137 mil vagas, maior nível desde mai/26. A taxa de desemprego recuou 0,1 p.p., para 4,1%, e os ganhos salariais, importantes para a dinâmica inflacionária, desaceleraram de 3,2% para 3,1% em 12 meses. Em conjunto, os números reforçaram os sinais de resiliência do mercado de trabalho e deram suporte às expectativas de alta de 0,25 p.p. dos *Fed Funds* na reunião de dezembro, cenário ao qual o mercado atribui probabilidade de cerca de 80%, segundo o CME Group.

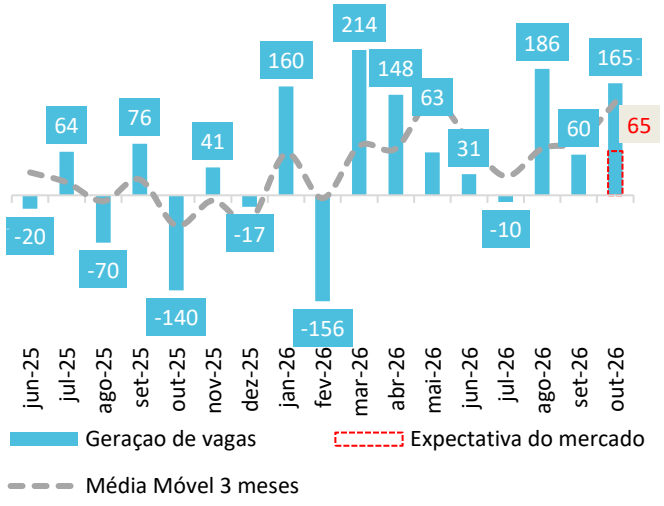
Na Zona do Euro, a prévia do CPI de outubro subiu 0,4%, abaixo dos 0,6% do mês anterior, pressionada ainda pelos preços de energia (+1,4%), em meio à escalada do conflito no Oriente Médio. Em 12 meses, o índice acelerou de 3,8% para 4,0%, com a inflação bem acima da meta de 2,0% e já se espalhando para os serviços (+3,3%) e o núcleo (2,5%). Nesse cenário, o mercado projeta nova alta de 0,25 p.p. em dezembro, com probabilidade de 89%, segundo o ECB Watch.

Quadro 9: Preço do Barril de Petróleo (tipo Brent)
Em US$



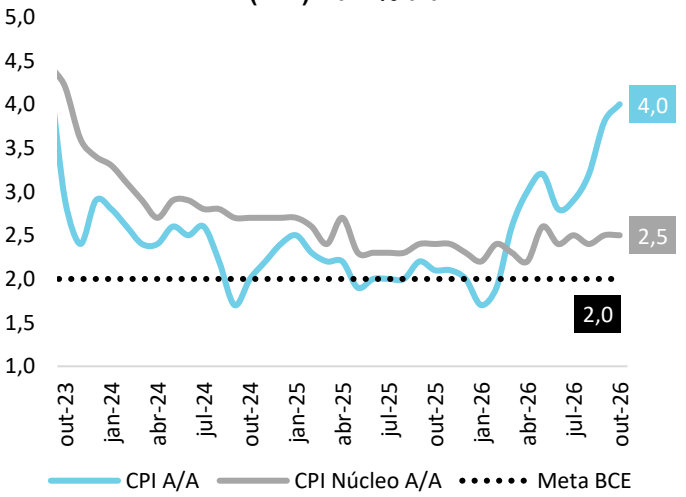
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Geração de Vagas de Empregos
Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

CRÉDITO / BANCOS

Resultado Corporativo 3º Tri/26
Itaú Unibanco

O Itaú Unibanco registrou lucro líquido gerencial recorrente de R$ 12,6 bilhões no 3º trimestre, em linha com o esperado. O resultado corresponde a uma alta de 1,7% no trimestre e de 6,2% ante o 3T25. A rentabilidade patrimonial (ROE) anualizada do banco atingiu 23,6%, com recuo de 0,7 p.p. no trimestre e alta de 0,3 p.p. em 12 meses. Considerando apenas a operação Brasil, o ROE do Itaú ficou em 24,5% (ante 24,2% no 3T25).

Na comparação anual, a melhora do resultado refletiu o avanço da margem financeira (+7,8%), liderada pela margem com o mercado (+46,9%), com maiores resultados das mesas de tesouraria. A margem com clientes (+6,6%) também subiu, em função do maior volume médio da carteira e da maior margem com passivos. Na mesma direção, o resultado de seguros cresceu 1,3%, em função dos prêmios ganhos e seguro transação. Já as receitas com serviços ficaram praticamente estáveis (-0,1%) no comparativo anual, com a alta em consórcios (+29,0%), contida pelo recuo em assessoria financeira e corretagem (-26,6%), devido ao enfraquecimento das operações no mercado de capitais.

Do lado das despesas, o custo do crédito avançou 10,2% ante o 3T25, com alta da perda esperada (+9,6%) e dos descontos concedidos (+24,1%). A alta ficou em linha com o avanço da carteira, mantendo a razão custo do crédito sobre a carteira estável em 2,7%. Já as despesas operacionais subiram 1,7%, número ainda puxado pelas campanhas publicitárias durante a Copa do Mundo (outras despesas +39,7%), enquanto as despesas de pessoal ficaram estáveis ante o 3T25. Com isso, o índice de eficiência atingiu 37,5%, recuando (melhorando) na comparação anual (-1,3 p.p.) e praticamente estável no trimestre (+0,1 p.p.).

Quadro 12: Resultado 3T26 – Itaú Unibanco

Itaú Unibanco - R$ Mi	3T25	2T26	3T26	Var. % Tri	Var. % Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	2.996.463	3.226.840	**3.347.787**	3,7%	11,7%
TVM	1.193.307	1.329.027	**1.296.354**	-2,5%	8,6%
Depósitos	1.039.562	1.134.485	**1.162.322**	2,5%	11,8%
Patrimônio Líquido	215.766	217.725	**228.895**	5,1%	6,1%
DRE					
Margem Financeira Gerencial	32.118	33.488	**34.611**	3,4%	7,8%
Margem com Clientes	31.215	32.557	**33.286**	2,2%	6,6%
Margem com o Mercado	902	931	**1.325**	42,3%	46,9%
Despesa de Perda Esperada	-9.780	-10.479	**-10.720**	2,3%	9,6%
Receitas de prestação de serviços	11.062	11.028	**11.048**	0,2%	-0,1%
Operações com Seg., Prev. e Cap.	2.977	3.061	**3.015**	-1,5%	1,3%
Despesas não Decorrentes de Juros	-16.850	-16.728	**-17.129**	2,4%	1,7%
IR/CSLL	-4.951	-5.044	**-5.192**	2,9%	4,9%
Lucro/Prejuízo do período[1]	11.876	12.407	**12.617**	1,7%	6,2%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE[2]					
ROAE	23,3%	24,3%	**23,6%**	-0,7 pp	0,3 pp
ROAA	1,6%	1,5%	**1,5%**	0,0 pp	-0,1 pp
Índice de eficiência	38,8%	37,4%	**37,5%**	0,1 pp	-1,3 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada[3]	1.402.039	1.522.385	**1.544.449**	1,4%	10,2%
PF	456.394	487.127	**500.413**	2,7%	9,6%
PJ	716.136	782.296	**799.810**	2,2%	11,7%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	-52.878	-51.918	**-51.996**	0,2%	-1,7%
Despesa PDD/Carteira de crédito	0,7%	0,7%	**0,7%**	0,0 pp	0,0 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	3,8%	3,4%	**3,4%**	0,0 pp	-0,4 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)[4]	1,9%	1,9%	**2,0%**	0,0 pp	0,1 pp
Índice de Basileia	16,4%	15,4%	**15,4%**	0,0 pp	-1,0 pp
Provisão Estágio 3 / Carteira Estágio 3	55,9%	53,8%	**52,5%**	-1,3 pp	-3,4 pp

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. [1]Lucro Líquido Ajustado Gerencial [2]Anualizado [3]Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, *commercial papers*, etc.) e unidades da América Latina. [4]Indicador com TVMs divulgados apenas a partir do 4T24.

A carteira de crédito ampliada do Itaú atingiu R$ 1,544 trilhão, alta de 10,2% em 12 meses. Excluindo a venda de carteira no varejo da Colômbia, o crescimento teria sido de 10,9%. A expansão foi puxada pela carteira de MPMEs (+15,1%), com manutenção do forte crescimento nos programas governamentais (+32,4%). A carteira de grandes empresas, por sua vez, subiu 9,5%. Já a carteira PF cresceu 9,6%, com alta de dois dígitos em linhas com garantia: crédito consignado (+16,3%), puxado pelo consignado privado (+93,7%), e crédito imobiliário (+15,8%). Outra linha com crescimento relevante foi o cartão de crédito (+7,9%), puxado pela alta renda (+16,3%).

A inadimplência total (acima de 90 dias) subiu 0,1 p.p. no trimestre, para 2,0%. No Brasil, houve estabilidade do indicador em 2,1%, com a inadimplência PF permanecendo em 3,7% e o segmento de MPMEs registrando ligeira alta (+0,1 p.p., para 2,1%), movimento que reflete o fim das carências dos programas governamentais e já havia sido antecipado pelo banco na divulgação de resultados do 2T26.

O Itaú manteve a expectativa (*guidance*) de expansão da carteira de crédito no Brasil entre 6,5% e 10,5% para 2026. O único ajuste ficou na alíquota efetiva de IR/CSLL, que passou para entre 28,0% e 29,0% (ante entre 29,5% e 32,5%). Ainda, a IF informou que o avanço das receitas com serviços deve ficar próximo do piso (entre 2% e 5%) devido à atividade mais fraca no mercado de capitais e a volatilidade recente dos mercados.

MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	06/11/2026	30/10/2026	09/10/2026	Viés	06/11/2026	30/10/2026	09/10/2026	Viés
IPCA (%)	**5,22**	5,22	5,22	↔	**4,90**	4,76	4,30	▲
PIB (% de crescimento)	**1,75**	1,76	1,85	▼	**1,15**	1,20	1,40	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	**13,75**	13,50	13,25	▲	**12,50**	12,50	12,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R$/US$)	**5,35**	5,34	5,15	▲	**5,40**	5,40	5,26	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	06/11/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R$/US$)	**5,51**	1,36%	1,36%	0,68%	2,99%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	**150,21**	3,20%	3,20%	8,45%	3,99%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	**13,66**	0,43%	0,43%	-8,34%	-8,34%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	**14,23**	-1,01%	-1,01%	3,05%	1,26%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	**14,97**	-2,22%	-2,22%	11,06%	11,86%
Índice Ibovespa (em pontos)	**168.498,45**	0,34%	0,34%	4,58%	9,89%
IFNC (setor financeiro)	**17.026,42**	4,08%	4,08%	-1,56%	1,61%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	**4,00**	0,00%	0,00%	6,67%	0,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	**4,51**	-1,66%	-1,66%	30,83%	26,90%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	**4,86**	-1,45%	-1,45%	17,84%	18,96%
Dollar Index	**102,30**	0,41%	0,41%	4,13%	2,57%
Índice S&P 500 (em pontos)	**7.376,86**	-2,68%	-2,68%	6,97%	9,77%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	**170,31**	-0,99%	-0,99%	2,88%	13,70%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	**140,34**	0,13%	0,13%	12,04%	21,13%
Índice Euro Stoxx 50	**6.170,49**	0,64%	0,64%	6,46%	9,97%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	**287,02**	4,67%	4,67%	8,81%	22,01%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US$)	**98,32**	-16,42%	-16,42%	58,79%	55,13%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
Jayme Alves
Luiz Fernando Castelli
João Vítor Siqueira
Marcos Duarte
Jéssica Silva Martins